



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 135/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

QUILOMBOS DO BRASIL

Num dos últimos sábados, fui convidado a participar de uma roda de samba no Quilombo do Sacopã. Como? Sim, Quilombo do Sacopã. Desde não sei quando, as propriedades que se foram edificando na subida daquela Ladeira respeitaram uma área de terra no meio da mata montanhosa que havia sido, em tempos, um quilombo onde moravam escravos fugidos do Rio.

Fui. No meio da ladeira íngreme e curvosa, há uma entrada larga, no número 250, aberta para automóveis, com uma pequena estrada que conduz a um estacionamento, de onde parte uma escadaria irregular que finalmente leva a um galpão tosco com mesas de ferro de bar modesto, onde rolava o samba de um conjunto simples mas bem musical, cujo nome me esqueci por desmazelo meu, não por desqualificação dos músicos, que eram bons.

Sou carioca, gosto de samba, minha mulher hoje quase não fala, ficamos ali sentados umas duas horas, eu e ela, eu só escutando, olhando em volta e pensando, sentindo o ar, imaginando a vida que havia ali, duzentos anos atrás. Talvez mais de duzentos, já que desde o século XVI havia em torno da Lagoa engenhos de açúcar trabalhados por escravos e, desde os mil e setecentos, a ocupação de Botafogo, através do caminho aberto no século anterior pelo vigário Dom Clemente, foi criando acessos, pelas encostas, à densa mata dos morros da região, possibilitando acoitamento de escravos fugidos naquelas alturas ínvias. Mas certamente foi nos mil e oitocentos que a povoação do quilombo do Sacopã deve ter se dado mais substancialmente, com o crescimento do número de escravos urbanos.

O Rio tinha mais negros do que brancos. E os escravos iam muito às ruas; as ruas eram mais dos escravos que dos brancos. E os escravos conversavam entre si nas ruas. E sabiam bem da existência de acoitamentos para fugidos e a vida nas condições de tratamento de certos senhores valia muito bem o severo risco da fuga. Os acoitamentos muitas vezes eram na própria cidade, em casas de pessoas que não aceitavam a escravatura. Mas havia também quilombos no meio do mato nas periferias, como era o entorno da Lagoa. Nas casas a vida seria mais segura e confortável mas o fugitivo ficava trancado, não podia sair à rua, sob o grande risco de ser apanhado por um dos agentes que viviam disso, de apanhar escravos fugidos e devolvê-los ao senhor por bom pagamento. Os jornais anunciavam essas gratificações e os apanhadores saíam em campo, com a descrição do fugido. Machado de Assis tem um belo conto sobre essa profissão. Nos quilombos, a vida era mais dura, sob intempéries, dependente de um abastecimento completamente irregular, que se fazia com transações também arriscadas com certos comerciantes. Mas havia a liberdade, aquele ar puro da floresta densa, o canto dos pássaros, fiquei ali imaginando, ouvindo os séculos.

Não houve luta física no Sacopã, como houve em quilombos do interior onde viviam os escravos fugidos do tratamento mais inclemente da lavoura, e que organizavam incursões às terras dos fazendeiros mais cruéis, para libertar e arregimentar seus escravos e para destruir suas lavouras em represália. A segunda metade do sec XIX foi um tempo de guerra crescente, até a Lei Áurea; verdadeira guerrilha entre quilombolas e milícias estipendiadas pelos fazendeiros, mais incandescente na região de Vassouras e da região de Campos. O Exército se negava a participar da caçada humana: os negros tinham mostrado bravura e patriotismo na guerra do Paraguai.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 135/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

Havia dureza no confronto: tiroteio e luta corporal de vida ou morte; os negros tocavam fogo nos canaviais e nas plantações e, apanhados, eram submetidos a duros suplícios, os líderes eram colocados vivos nas fornalhas. Os ódios se multiplicavam de lado a lado, até que o Imperador compreendeu que não dava para esperar a extinção gradual e natural que ele queria (Ventre Livre e Sexagenários) Viajou e incumbiu a filha de fazer a abolição pura e simples, sem indenização nem nada, sabendo que aquilo significava o fim do Império, mesmo num ambiente político que não clamava pela República.

Foi realmente uma epopéia que a História do Brasil do meu tempo não contava; falava da Abolição, de José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, mas não dizia nada sobre a guerra, os ódios e as crueldades. Não sei se hoje apresenta melhor a questão que foi a principal da política dos últimos 20 anos do Império. No meu tempo, por exemplo, Domingos Jorge Velho, que era um facínora, caçador de índios para escravização, era apresentado quase como herói que destruiu o Quilombo dos Palmares. Hoje a verdade se impôs e o herói é Zumbi, ganhou até um feriado justo. Mas não sei como contam, para as crianças nas escolas, esse episódio que foi um dos mais significativos da nossa História

Tudo isso fiquei pensando ali no meio da árvores do Quilombo do Sacopã, no ar que tinha ainda a vibração antiga dos meneios daquele povo trabalhador, ao som do bom samba criado afinal por eles, que também deviam batucar, discretamente, para não chamar atenção.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br